



O abuso espiritual como uma forma específica de abuso emocional: Uma delimitação conceitual para a sensibilização da violência psicológica na Igreja Católica

Spiritual abuse as a specific form of emotional abuse: A conceptual clarification to raise awareness of psychological violence in the catholic church

Josefa Woditsch^[a] 

Bavaria, Alemanha

^[a] Universidade Católica de Eichstätt/Ingolstadt

Como citar: WODITSCH, Josefa. O abuso espiritual como uma forma específica de abuso emocional: Uma delimitação conceitual para a sensibilização da violência psicológica na Igreja Católica. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 16, n. 02, p. 372-388, maio/ago. 2024. DOI: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.16.002.AO06>.

Resumo

O artigo tem como objetivo apresentar o fenômeno do abuso espiritual como uma manifestação específica de abuso emocional. O abuso é definido como a instrumentalização prejudicial de

^[a] Mestre em Teologia, assistente de pesquisa e docente no Departamento de Dogmática na Universidade Católica de Eichstätt/Ingolstadt (Baviera, Alemanha), e-mail: josefa.woditsch@ku.de

peçoas para satisfazer necessidades pessoais ou para realizar os interesses de grupos ou instituições. O abuso emocional não envolve a violência física, mas ocasiona impactos no bem-estar e na saúde das vítimas comparável ao abuso físico. O sofrimento psicológico causado se deve principalmente ao comprometimento das necessidades psicológicas básicas de autoeficácia e vínculo social. Por sua vez, o abuso espiritual é uma forma de abuso emocional em que a fé, em seu sentido mais amplo, é utilizada como um instrumento manipulativo e de exercício de poder prejudicando a outrem. Desta forma, o abuso espiritual compartilha semelhanças com o abuso emocional, embora possua características distintivas. O abuso espiritual é amplamente presente no ambiente eclesial e muitas vezes antecedendo o abuso sexual. A relevância destes aspectos só foi abordada no âmbito teológico nos últimos anos. Este artigo visa contribuir para a sensibilização sobre a prática da violência psicológica na Igreja Católica. A investigação bibliográfica é a metodologia utilizada por meio de uma abordagem interdisciplinar, baseada na literatura especializada nas áreas teológica e psicológica.

Palavras-chave: Abuso espiritual. Abuso emocional. Abuso de poder. Violência na Igreja Católica.

Abstract

The article aims to present the phenomenon of spiritual abuse as a specific manifestation of emotional abuse. Abuse is understood as the harmful instrumentalization of individuals to satisfy personal needs or to fulfill the interests of groups or institutions. In cases of emotional abuse, no physical violence is employed, yet the impact on the victims' health and well-being is proven to be comparable to experiences of physical abuse. The distress caused is primarily explained by the significant impairment of the psychological basic needs for self-efficacy and social bonding. Spiritual abuse, in turn, is a form of emotional abuse in which faith, in the broadest sense, is used as a manipulative and abusive instrument of power. Thus, spiritual abuse shares overlaps with emotional abuse but also possesses distinctive characteristics. The fact that spiritual abuse is widespread in the catholic church and often precedes sexual abuse has only been processed and addressed in theological discourse for a few years. This article seeks to enhance understanding of the prevalence of psychological violence within the Catholic Church. Employing a literature review as its methodology, it adopts an interdisciplinary approach grounded in specialized texts from both theological and psychological disciplines.

Keywords: Spiritual Abuse. Emotional Abuse. Abuse of Power. Violence in the Catholic Church.

Introdução: a ambiguidade do poder

O abuso ocorre sempre em meio a contextos de poder. Se não há poder (físico, psicológico, hierárquico) sobre alguém, não é possível abusar dessa pessoa. No entanto, isso faz o poder algo intrinsecamente negativo? Poder, em sua essência, é simplesmente a capacidade de exercer influência, geralmente em situações assimétricas (Six, 2021). Dessa forma, o poder se faz presente em todos os lugares, seja na relação entre pais e filhos, entre professores e seus alunos, ou nas hierarquias institucionais. O poder é onipresente em contextos sociais e interpessoais. Ele é, pelo menos, algo neutro em sua natureza, ou até mesmo possui uma função positiva. Quem possui poder pode influenciar positivamente aqueles que estão sob sua responsabilidade (crianças, estudantes, funcionários). O poder torna-se negativo apenas quando é utilizado para instrumentalizar pessoas, ou seja, quando se configura um abusado. Portanto, há um poder que é usado para o bem-estar das pessoas e é necessário para o funcionamento de comunidades ou instituições, e há um poder distorcido. O poder tem a capacidade de construir e destruir. Assim, embora o poder em si não seja negativo, ele sempre carrega um potencial de perigo. Em termos simples: onde há poder, é possível haver abuso também. Por essa razão, é crucial estar sempre atento em contextos de poder. O poder utilizado de forma abusiva muitas vezes não se manifesta através de exercícios de violência óbvios, mas por meio de dinâmicas sugestivas e manipulativas que são difíceis de reconhecer. Na Igreja Católica, há muitas e diversas formas de poder. Sua estrutura é marcada pelo ofício hierárquico sacramental, e os colaboradores pastorais também têm um poder sobre as pessoas em sua missão de cuidado pastoral na Igreja. Além disso, a Igreja abriga um poder “espiritual”. Personalidades carismáticas¹ exercem uma influência significativa. Orientadores espirituais, catequistas ou líderes de grupos de oração, entre outros, desempenham um papel crucial na formação da fé dos indivíduos, exercendo assim poder na vida eclesial.²

Entre abuso e poder, existe um entrelaçamento essencial. Esta frase parece óbvia e os testemunhos de inúmeras vítimas confirmam sua validade. No entanto, para entender a dinâmica subjacente do abuso, é necessária uma definição precisa e um esclarecimento aprofundado a respeito do fenômeno. Em seguida, realizou-se uma análise focando o abuso espiritual. Dado que o termo *abuso* originou-se do campo da psicologia, enquanto o adjetivo *espiritual* remete a uma dimensão religiosa, iniciarei (1) com a definição de *abuso* emocional a partir da perspectiva psicológica, para então (2) explicar as particularidades que caracterizam o abuso *espiritual*. Posteriormente, (3) especificarei a definição proposta por meio da análise das dinâmicas estruturais e psicossociais típicas dessa forma de abuso. Nesse processo, destacarei como a violação das necessidades existenciais básicas de vínculo social e autoeficácia constitui uma das razões-chave para os profundos prejuízos tanto do abuso emocional quanto espiritual. Como o abuso espiritual só vem sendo examinado e discutido no discurso teológico nos últimos anos (Butenkemper, 2023, p. 17 a 22; Ellis; Hook, 2022; Kinmod; Oakley, 2018, p. 36), o objetivo é contribuir para a sensibilização sobre a violência psíquica que se faz presente na Igreja Católica por meio de uma abordagem interdisciplinar.

¹ O termo 'carismático' é empregado aqui como característica psicológica, conforme usado na linguagem cotidiana. Refere-se a indivíduos considerados atraentes e inspiradores. São capazes de despertar emoções intensas e influenciar facilmente outras pessoas. Em alguns contextos religiosos, tais indivíduos podem ser reconhecidos como portadores de um dom espiritual e sobrenatural.

² A liderança central na Igreja Católica e certas funções pastorais, como a confissão, são reservadas aos homens, sugerindo uma prevalência masculina no abuso espiritual. Embora, este tipo de abuso transcende o gênero, ocorrendo também em ambientes liderados por leigos ou mulheres. Não existe uma diferença estatística de gênero entre os atores de abuso emocional (Karakurt, 2013; Schlack, 2013). Para uma discussão sobre as relações de poder dentro da Igreja Católica, veja Fernández, 2021, p. 560-562 e 567-570; Fernández, 2022; Kopp, 2020. Sobre o envolvimento específico de mulheres no abuso espiritual, consulte Schulz, 2020.

1. Quando o poder se torna abuso: definição e contextualização

O termo *abuso* já foi mencionado várias vezes. Mas o que é exatamente o abuso? De maneira geral, abuso define-se como o uso incorreto ou ilegítimo de um objeto.³ Quando aplicado ao âmbito interpessoal, abuso então se refere à instrumentalização de uma pessoa. Abusar de alguém significa usar a influência existente sobre uma pessoa para um propósito que vai contra a vontade e o bem-estar dessa pessoa. O objetivo é a satisfação de necessidades pessoais e/ou a exploração em benefício de um grupo ou uma instituição. Tal instrumentalização, em si, é uma violação da dignidade humana. Isso porque implica que o ser humano é um fim em si mesmo, contrariando qualquer forma de utilização ou objetivação. Quando tal exercício abusivo de poder é realizado *sem* violência física ou sexual, fala-se em *abuso emocional* ou *psicológico* (Karakurt, 2013, p. 804; Loring, 1994, p. vii e p. 1). Em resumo, isso inclui qualquer forma de comportamento não físico destinado a controlar, subjugar, punir ou isolar outra pessoa por meio de medo, manipulação, opressão, exploração e/ou humilhação. Pode se manifestar, por exemplo, por meio de agressões verbais, controle, isolamento, escárnio, violência simbólica,⁴ criação de dependência (emocional/econômica), exploração e/ou influência sugestiva. O abuso emocional frequentemente precede o abuso físico ou sexual. No entanto, por si só, o abuso emocional também é devastador, pois tanto o nível de controle sobre a vítima quanto as consequências para a saúde são comparáveis às experiências de violência física. Entre os possíveis distúrbios resultantes estão transtornos de trauma e ansiedade, depressão, retraimento/isolamento, consumo de substâncias, prejuízos sociais, suicídio e uma variedade de queixas psicossomáticas. O abuso emocional prejudica de forma duradoura a saúde e o bem-estar das vítimas (Allsopp, 2013, p. 13-20; Antelo; Tops, 2018; Loring, 1994, p. 35-55).

Por que transgressões de limites não físicas podem resultar em feridas e transtornos tão duradouros? Além de outros aspectos que não podem ser abordados detalhadamente neste artigo, o abuso emocional subverte duas das necessidades psicológicas básicas: (a) o vínculo social e (b) a autoeficácia.⁵

(a) *Isolamento e exclusão em vez de vínculo social.* O ser humano é uma criatura social. Relacionamentos interpessoais baseados em amor e confiança constituem o fundamento essencial para uma estabilidade emocional e um bem-estar psicológico. Na dinâmica do abuso emocional, essa necessidade é simultaneamente atendida e minada. Por um lado, as vítimas são proativamente vinculadas ao ator, enquanto por outro lado são gradualmente isoladas de outros contatos sociais. Ao mesmo tempo, ocorre uma constante ameaça (explícita ou sugestiva) de término da relação. Esse ciclo de apego forçado, isolamento sucessivo e ameaça de abandono provoca um estado de insegurança constante nas vítimas. A insegurança não apenas gera medo de mais isolamento, mas também promove a dependência do ator. Paradoxalmente, por isso, as vítimas tentam satisfazer a necessidade de vínculo social justamente no contexto abusivo. Essa dinâmica ambivalente pode ser descrita como um ciclo abusivo que se autorreforça. Nela, o sentimento de isolamento e exclusão se aumenta constantemente, já que a expectativa de uma experiência positiva de relacionamento sempre resulta na privação e negação de um vínculo real e estável. Consequentemente, é evidente que essa situação prejudica a capacidade de estabelecer e manter relações saudáveis. A formação de um estilo de apego cada vez mais inseguro, juntamente com a experiência constante de isolamento e exclusão, cria uma pressão

³ O abuso pode ser acompanhado de vários tipos de violência, mas não necessariamente (Rüdel; Schlack, 2013, p. 755; Krahe, 2022).

⁴ Isso é entendido como violência representativa em objetos, animais, etc. (Karakurt, 2013, p. 805).

⁵ Vinculação social e autoeficácia não se contradizem, mas sim se complementam e são ambas essenciais do ponto de vista psicológico (Kracke, 2022; Noack, 2020; Kracke, 2013; Zimmermann, 2007).

duradoura que pode ser identificada como uma das razões para os transtornos mencionados anteriormente (Butenkemper, 2023, p. 68-70; Loring, 1994, p. 25-34 e p. 45-46).

(b) *Perda de controle e estar à mercê em vez de autoeficácia.* Autoeficácia refere-se à confiança aprendida por meio de experiências positivas na própria capacidade de influenciar a vida por meio de suas ações e decisões (Jerusalem, 2016). Uma influência abusiva e instrumentalização afetam diretamente e de forma negativa essa competência básica para um enfrentamento cotidiano saudável e feliz. No contexto do abuso emocional, isso pode ocorrer por meio de controle ofensivo e depreciação direta do outro.⁶ Frequentemente, porém, pressão e influência são exercidas por meio de técnicas de manipulação sugestivas que são difíceis de ser percebidas tanto por vítimas quanto por externos. Perder a capacidade de influenciar a própria vida diminui a confiança na autopercepção e prejudica a capacidade de decidir e julgar. Além disso, a pessoa se sente impotente e à mercê, percebendo que não possui poder de ação sobre si mesma e a situação. As consequências são uma perturbação profunda da autoimagem e uma sensação de impotência aprendida (Heinecke-Müller, 2019). Isso pode levar à implementação e consolidação de crenças negativas⁷, a uma autoestima reduzida com um aumento simultâneo de estresse e ansiedade, ou até mesmo a experiências dissociativas e ego-distônicas.⁸ Essa dinâmica tende a aprofundar o apego da vítima com o autor, pois ele sugere uma aparente segurança e estabilidade que ela mesma está perdendo cada vez mais. No entanto, isso não apenas intensifica o desequilíbrio e o controle no contexto abusivo, mas também perpetua o sofrimento psicológico das vítimas.

2. O “espiritual” no abuso espiritual

O que fora discutido até agora sobre o abuso emocional aplica-se igualmente ao abuso espiritual. Então, por que é necessária essa diferenciação conceitual? Pretendo explicar a seguir que, embora seja uma forma de abuso emocional (Fuchs, 2020, p. 5 e p. 13), a denominação específica do abuso espiritual é útil, ou até necessária, para capturar suas especificidades e características únicas.

Com a tese de que o abuso espiritual é uma forma de abuso emocional, quero dizer que, da mesma forma, utiliza-se a influência existente sobre uma pessoa de maneira não física para um propósito que vai contra a vontade e o bem-estar dela. A diferença é que a fé e a religião são utilizadas como instrumentos de exercício de poder prejudicial.⁹ Assim, por um lado, o contexto do abuso é delimitado (a relações, grupos e instituições moldadas pela fé e religião), enquanto, por outro lado, as possíveis estratégias de abuso são expandidas. Além das técnicas de manipulação comuns e das formas de violência não física, os atores têm uma variedade de métodos específicos de influência, devido à importância existencial da fé, bem como a ampla reivindicação de autoridade no ambiente religioso.

⁶ Como, por exemplo, a ameaça de violência ou punição, a criação e manutenção de dependência financeira ou insultos e críticas injustificadas.

⁷ Crenças, também chamadas de *esquemas cognitivos* ou *core beliefs*, são convicções fundamentais, generalizadas e frequentemente inconscientes que uma pessoa tem sobre si mesma, os outros e o mundo. Elas formam a base para a percepção e interpretação individual de eventos (Loepthien; Leibold, 2022; Bergius, 2016).

⁸ Dissociações são distúrbios de consciência e memória, nos quais lembranças, partes da identidade e/ou percepções são desvinculadas e fragmentadas. Em uma variação, a ego-distonia significa que uma pessoa percebe seus próprios pensamentos, sentimentos ou comportamentos como estranhos ou não pertencentes ao seu próprio eu (Butenkemper, 2023, p. 75; Markowitsch, 2021; Kluitmann, 2019, p. 189; Wagner, 2019, p. 127; Loring, 1994, p. 41).

⁹ Para uma visão geral sobre abuso espiritual, consulte Haslbeck/Leimgruber, 2024; Butenkemper, 2023; DBK, 2023; Hoyeau, 2023; Leimgruber, 2023; Lassus, 2022; Leimgruber, Reisinger, 2022; Fernández, 2021; Kießling, 2021; Arnold; Timmerevers, 2020; Fuchs, 2020; Kluitmann, 2019; Mertes, 2019; Schönborn; Wagner, 2019; Schulz, 2019; Wagner, 2019; Kinmod; Oakley, 2018; Mertes, 2017; Tempelmann, 2015; Johnson; Vonderer, 2003.

Abordarei tais práticas em discussões posteriores. Neste ponto, é suficiente definir o *abuso espiritual* como *uma subcategoria do abuso emocional, na qual a fé é utilizada para submeter uma pessoa através do medo, manipulação, opressão, exploração e/ou humilhação, com o objetivo de satisfazer necessidades pessoais e/ou explorar benefícios para um grupo ou uma instituição* (Butenkemper, 2023, p. 23; Ellis; Hook, 2022, p. 213-214; Fuchs, 2020, p. 22-23; Kluitmann, 2019, p. 184-185; Wagner, 2019, p. 79; Kinmod; Oakley, 2018, p. 4-5, e p. 13-14).

O abuso espiritual pode ocorrer tanto dentro de grupos e instituições quanto no contexto de uma relação entre duas pessoas. No primeiro caso, fala-se de um *sistema abusivo*, ou seja, comunidades, ordens, ou até famílias, nas quais as estruturas gerais, regras e dinâmicas de grupo como um todo implicam ou pelo menos facilitam a instrumentalização e dano aos membros. O segundo caso pode ser descrito como *acompanhamento abusivo*, porque geralmente envolve constelações funcionalmente definidas na vida pastoral ou espiritual com um desequilíbrio hierárquico, como por exemplo, a relação com acompanhantes espirituais, formadores, líderes, superiores ou colaboradores pastorais (Lassus, 2022, p. 181-218). Um sistema abusivo se manifesta, é claro, também e especialmente nas relações interpessoais concretas existentes ali.

Na literatura, distinguem-se três formas de abuso espiritual: *negligência, manipulação e violência* (Wagner, 2019, p. 79-142; Wagner, 2019, p. 22f). A intensidade da dinâmica abusiva pode se aumentar ao controle totalitário e subjugação de pessoas, o que é caracterizado como *violência espiritual*. Por *manipulação* espiritual, entende-se a influência sugestiva exercida por meio de autoridade, práticas e narrativas conotadas com o religioso. A *manipulação* é provavelmente a técnica mais disseminada no contexto eclesial. Realizarei uma análise detalhada na terceira parte deste artigo. A *negligência* espiritual também necessita de explicação. Refere-se à falta de suporte necessário e legalmente previsto que as pessoas precisam para um bom desenvolvimento espiritual e bem-estar abrangente. No entanto, essa definição é bastante vaga, pois pode haver situações em que uma necessidade espiritual legítima não é atendida (por exemplo, o desejo por uma prática litúrgica específica na paróquia ou por caracteres atraentes no pessoal da Igreja), o que pode ser percebido como injusto e decepcionante. No entanto, nem toda insatisfação ou frustração deve ser interpretada como abuso. Fala-se de negligência espiritual acusável apenas quando existe um dever ético ou legal de cuidado que não é cumprido,¹⁰ isso ocorre principalmente em ordens e comunidades espirituais.¹¹ Pessoas que se comprometem com um grupo ou instituição religiosa possuem reivindicações e direitos mais amplos, que infelizmente muitas vezes não são honrados. O leque de possibilidades é vasto. Assim, é comum em contextos comunitários que membros não recebam acompanhamento e formação adequados, ou que indivíduos sejam transferidos para locais fora da comunidade, onde ficam por conta própria. A negação de cuidados médicos, segurança no trabalho, previdência para a velhice ou de seguro saúde adequado também não é rara. No geral, a transição entre as três formas de abuso espiritual é fluida, e uma submissão e controle completos não são possíveis sem a desmoralização psicológica prévia por meio de negligência e/ou manipulação.

O abuso espiritual não é um automatismo ao qual todos estão expostos na mesma medida se entrarem em contato com possíveis atores. Grupos necessitados e vulneráveis são particularmente

¹⁰ Essa especificação representa uma tese da minha parte, enquanto Wagner apresenta uma ênfase ligeiramente diferente (Wagner, 2019, p. 81-93). Com a questão de um dever oficial de cuidado, o abuso espiritual também é um tema que deve ser abordado pelo direito canônico (Hörting, 2020; Wagner, 2019, p. 148-162; Althaus, 2018).

¹¹ Seria necessário discutir até que ponto isso também se aplica ao contexto da estrutura paroquial (Leimgruber, 2022). Sobre os deveres e direitos de todos os fiéis e especialmente dos leigos, cf. cân. 208-231 CIC.

suscetíveis, como jovens, doentes mentais, pessoas solitárias ou fragilizados emocionalmente, assim como aqueles que sofreram grandes adversidades ou estão em fases de transição e busca por orientação (Butenkemper, 2023, p. 45-49; Kluitmann, 2019, p. 191; Loring, 1994, p. 26-34). O impacto negativo também depende da magnitude do desequilíbrio de poder, bem como da intensidade e duração do vínculo entre vítima e ator. Dado o caráter holístico da fé, religião e espiritualidade no autoconceito, prática de vida e visão de mundo, o abuso espiritual afeta profundamente o senso de identidade. Nesse sentido, os transtornos psicológicos possíveis já mencionados, as vítimas frequentemente descrevem seu sofrimento geral como uma perda de si mesmo (Butenkemper, 2023, p. 158-162; Ellis; Hook, 2023, p. 6f; Demasure, 2022). Ainda, o abuso espiritual sempre ocorre em uma dinâmica progressiva. Euforia, entusiasmo e sentimento de pertencimento marcam o início e vinculam a pessoa ao ator ou ao grupo agressor. Promessas de satisfação as necessidades básicas, como uma comunidade familiar ou um sentido de vida, exercem um forte potencial de ligação às pessoas. Somente com o tempo e em um processo gradual é que os elementos abusivos começam a predominar.

Embora possa ter impactos graves e a culpa dos atores não deva ser relativizada, é importante notar que o abuso espiritual muitas vezes não é executado de forma explícita e conscientemente maliciosa. A prática inconsciente, na convicção enganosa de que o comportamento serve para um bem maior, como a construção do Reino de Deus ou a salvação das almas, é bastante comum. Também é comum que líderes conheçam as dinâmicas, estruturas e incidentes abusivos em suas áreas de responsabilidade, porém falhem em agir de maneira decisiva e eficaz contra estes (Butenkemper, 2023, p. 168-172; Kluitmann, 2019, p. 191). Tanto uma permissão 'passiva' quanto uma execução inconsciente do abuso espiritual, no entanto, não atenuam o resultado nem a responsabilidade. Como mencionado anteriormente, nos contextos em que o abuso espiritual é potencialmente possível, há um dever ético ou até legal de cuidado que é negligenciado ou pervertido.

3. Como a fé se torna um instrumento de abuso: dinâmicas estruturais e psicossociais

O abuso espiritual é uma forma de abuso emocional em que a fé é usada como instrumento de manipulação e exercício de poder prejudicial, subjugando a pessoa através do medo, manipulação, opressão, exploração e/ou humilhação para satisfazer necessidades pessoais e/ou atingir objetivos institucionais. Além das consequências já mencionadas do abuso emocional, as vítimas geralmente sofrem danos também no nível espiritual, ou seja, em sua prática de fé, sua relação com Deus e/ou com a Igreja e comunidade religiosa.¹²

Mas como acontece exatamente esse abuso espiritual? Para especificar o fenômeno, apresentarei agora algumas dinâmicas estruturais e psicossociais comuns. Trata-se de componentes sistêmicos que implicam ou ao menos facilitam a instrumentalização e dano aos membros. É importante enfatizar que tal lista é útil, mas representa sempre uma abstração e simplificação. Na realidade, o abuso é sempre complexo e se manifesta de várias maneiras. Embora as explicações cubram padrões gerais importantes, as manifestações específicas e as experiências individuais das vítimas podem variar significativamente, o que é essencial manter em foco. As dinâmicas específicas podem, portanto, ocorrer

¹² Especificamente sobre as consequências espirituais, consulte Butenkemper (2023), p. 157f; Ellis; Hook (2023), p. 5; Ellis; Hook (2022), p. 214; Edstrom; Koch (2022), p. 477f; Lassus (2022), p. 231-233. Quanto aos prejuízos gerais, veja Butenkemper (2023), p. 156-165; Ellis; Hook (2023); Fuchs (2020), p. 24f. Também foram criadas escalas padronizadas registrar e avaliar a extensão das experiências de abuso espiritual (Koch; Edstrom, 2022; Keller, 2016).

em ordens diferentes ou variar em sua intensidade. Pode acontecer de forma mais branda e sutil ou apenas em subáreas de uma comunidade. Além desses contextos potencialmente e parcialmente abusivos, existem também sistemas totalitários cujas estruturas, tanto oficiais quanto não oficiais, visam a subjugação absoluta dos membros. As dinâmicas abusivas são onipresentes nesses ambientes, e as vítimas são mantidas em um completo controle da consciência (Butenkemper, 2023, p. 71-99), razão pela qual se fala corretamente de *violência* espiritual (Wagner, 2019, p. 129-142).¹³

O meu foco está na atribuição do termo “espiritual”, ou seja, nos aspectos que surgem diretamente ou mediados pelo contexto religioso e, portanto, ultrapassam o repertório de práticas de abuso emocional comum. Isso pode se manifestar em regras prescritas, práticas espirituais, uma mentalidade predominante, as expectativas éticas, um estilo retórico específico, dinâmicas de grupo subtis, ou técnicas de manipulação sugestivas. Pretendo me concentrar em seis dinâmicas principalmente encontradas em comunidades eclesiais como congregações, institutos de vida consagrada ou associações privadas de leigos.¹⁴

(a) Em sistemas de abuso espiritual, sempre prevalece uma *estrutura de autoridade forte* (DBK, 2023, p. 19-20; Lassus, 2022, p. 141-148; Wagner, 2019, p. 143f). Isso não significa que qualquer forma de hierarquia seja problemática por si só. Em um ambiente de liderança e acompanhamento saudáveis, onde os adultos estão em igualdade, até um voto de obediência pode ser positivo e enriquecer a vida (Lassus, 2022, p. 117-154). No entanto, se houver um desequilíbrio de poder tão forte que compromete a capacidade dos membros de conduzir uma vida autodeterminada e eficaz, entramos na esfera do abuso. Tal autoridade excessiva pode ser intensificada ainda mais no contexto espiritual e religioso, por exemplo, quando a voz do líder é vista como a voz inequívoca e inegável de Deus (Mertes, 2017, p. 249), ou transferidas súbitas são declaradas como providência divina ou chamados para seguir o caminho da cruz. Pela idealização como portadores especiais da graça ou mesmo representantes diretos de Deus, os líderes e autoridades facilmente ganham uma posição incontestável. Tal hierarquia excessiva pode ser ainda mais reforçada pela falta de eleições democráticas ou por uma falta de transparência nos processos decisórios. No extremo, a dinâmica toda (explícita ou sugestivamente) visa a subordinação inquestionável dos membros, sem que eles tenham a possibilidade real de questionar ou influenciar decisões. Isto resulta numa diminuição direta da autoeficácia em suas vidas.

(b) Ademais, podem existir *violações de limites* (DBK, 2023, p. 19-20; Lassus, 2022, p. 141-148; Wagner, 2019, p. 143-144). Isso refere-se a várias formas de invasões na privacidade e nos direitos individuais,¹⁵ também legitimadas e facilitadas pela fé e conceitos religiosos. Narrativas que enxergam a comunidade como a uma família dos filhos de Deus, ou que ligam a conversão e santificação à total transparência da vida interior tendem a transgredir as fronteiras entre o privado e o oficial, assim como os diferentes

¹³ Portanto, enfrentamos aqui um espectro. Assim, desacreditar todas as comunidades eclesiais como universalmente abusivas, seria um erro. Contudo, para proteger os fiéis, é essencial reconhecer que, nas estruturas oficiais da Igreja Católica, existem comunidades que Butenkemper corretamente classifica como “tóxicas” e que preenchem os critérios de seitas totalitárias (Butenkemper, 2023, p. 71-99).

¹⁴ Neste artigo, optei por não detalhar experiências específicas, focando em uma descrição geral dos padrões recorrentes. Isso se deve à impossibilidade de retratar adequadamente a complexidade e profundidade de sofrimento pessoais em um resumo, exigindo análises qualitativas ou quantitativas rigorosas para conclusões válidas. Embora a pesquisa sobre o tema esteja ainda em fase inicial, as pesquisas até agora são promissoras. Destaca-se especialmente Butenkemper (2023) e o projeto de pesquisa em andamento sobre *Abuso Espiritual em Comunidades Espirituais* na universidade de Münster/Alemanha (https://www.uni-muenster.de/FB2/gm_projekt/projekt/index.html). É também essencial referir-se às coleções de relatos de vítimas (Haslbeck; Leimgruber, 2023; Demasure, 2022; Butenkemper, 2020; Haslbeck; Heyder, 2020; Hoffmann, 2020; Wagner, 2014).

¹⁵ Na Alemanha, os direitos individuais são derivados da inviolabilidade da dignidade da pessoa humana (Art. 1º, inciso III, do GG) e do direito à livre desenvolvimento da personalidade (Art. 21º, inciso 1, do GG) e refere-se à proteção legal contra interferências na vida privada e na liberdade das pessoas.

níveis de relacionamento. A superiora por vezes torna-se mãe e o confessor é ao mesmo tempo o líder que decide sobre a carreira profissional. Em tais contextos, a separação pretendida pela Igreja Católica entre o *foro interno* e *externo* (Althaus, 2018, p. 162-166) muitas vezes não é mantida, e os membros são pressionadas a compartilhar todos os seus segredos e pensamentos com os responsáveis. Mecanismos mais extremos, como o apelo à vigilância mútua, a divulgação da correspondência pessoal e do sigilo da confissão, ou práticas como confissões de pecados e exercícios de penitência em público, também ocorrem. Por meio dessas violações de limites, a necessidade de vínculo social é simultaneamente atendida e prejudicada. Além disso, evidencia-se uma destruição da própria autoeficácia. O sentimento resultante de insegurança e de estar à mercê cria um terreno fértil para a dependência dos atores, que se intensifica pela próxima dinâmica.

(c) Isso é o *isolamento* do mundo exterior (Butenkemper, 2023, p. 72-75; Lassus, 2022, p. 109-116; Kluitmann, 2019, p. 186-188; Wagner, 2019, p. 133-137). Um afastamento dos contextos sociais pode, no contexto de certas práticas espirituais, ser justificado (por exemplo, em uma vida contemplativa). No entanto, quando o isolamento é promovido a ponto de favorecer a instrumentalização e o prejuízo à pessoa, entramos na área do abuso. Aqui, os contatos com pessoas de fora do sistema são impedidos em etapas sucessivas – por um lado, por meio de um forte envolvimento em atividades e obrigações dentro da comunidade e, por outro, desencorajando ou até proibindo tais interações. Isso geralmente é acompanhado por uma ideologia elitista, ou seja, o grupo é identificado como especial e superior em relação ao resto da sociedade. É transmitido aos membros que eles têm uma vocação divina exclusiva e são escolhidos para cumprir uma missão especial, para a qual não devem se distrair ou se “contaminar” pelo mundo. Ao afirmar que pessoas de fora do sistema não podem compreender a vida interna, sabotam-se relações com família e amigos, promovendo-se também uma visão unilateralmente negativa das influências externas. Indivíduos que não pertencem à comunidade são difamados como “infiéis”, “hereges” ou “pecadores”, ou o mundo como um todo é condenado por todas as suas “tentações”. Evidencia-se que o grau de vinculação ao sistema abusivo aumenta com o nível de isolamento do mundo externo – as vítimas tornam-se dependentes dos únicos contatos e relações que lhes restam.

(d) O impacto de um sistema abusivo espiritual pode ter efeitos tão prejudiciais porque as vítimas são expostas a uma desvalorização constante, que se volta destrutivamente contra a própria autoestima. Isso ocorre, entre outros, por meio de um *perfeccionismo espiritual* (Butenkemper, 2023, p. 78-80; DBK, 2023, p. 20f; Lassus, 2022, p. 155-180; Fuchs, 2020, p. 24), que impõe padrões morais e espirituais inatingíveis aos indivíduos. Tal fato exerce uma pressão permanente sobre os membros, que desperta, reforça e perpetua neles sentimentos prejudiciais de vergonha e culpa. Aspectos como normas rígidas, ênfase excessiva em culpa, pecado e indignidade, exploração por meio de sobrecarga de trabalho, ativismo exaustivo em oração e missão, além da equivalência de perguntas e dúvidas a descrença, infidelidade ou tentação, podem ser ligados a uma interpretação distorcida da cruz. Esta insinua, por exemplo, que Cristo deve sofrer até hoje por causa da inadequação pessoal e das numerosas falhas. Pessoas dificilmente podem se defender desse tipo de torpedeamento constante de sua própria autoimagem. Ao longo do tempo, um sistema abrangente de crenças negativas se internaliza, deixando uma frustração duradoura e sentimentos profundos de inferioridade, que podem se intensificar até chegar ao auto-ódio e a tendências suicidas.

(e) As dinâmicas mencionadas até agora são geralmente possibilitadas e potencializadas por uma *idealização* (Butenkemper, 2023, p. 75-77; DBK, 2023, p. 19f; Kluitmann, 2019, p. 188). Isso pode envolver tanto fundadores ou responsáveis quanto a comunidade em geral ou uma identidade comunitária abstrata, como a ideia elitista de serem eleitos ou mártires, já mencionada. O limite entre uma apreciação saudável de modelos e um sentimento motivador de pertencimento é ultrapassado,

quando os indivíduos devem se subordinar ao ideal sem consideração pelas próprias necessidades e capacidades. Quando a fundadora é vista como uma profetisa enviada por Deus, quando as palavras do líder são entendidas como revelações pessoais, ou quando a vida comunitária é identificada como o Reino de Deus ou o Paraíso na Terra, ou até como a última fortaleza da fé em uma sociedade sem Deus e em uma Igreja em decadência, dificilmente será possível deter as tendências abusivas. A palavra da fundadora ou do líder se torna a voz de Deus, à qual é atribuída uma *autoridade* quase infinita, sem restrições; e a comunidade se torna o último lugar “santo” em um mundo maligno e caído, cujo *isolamento* oferece proteção contra tentações e queda – mas somente se alguém puder se mostrar digno dela de forma *perfeita*.

(f) Ao sistematizar dinâmicas de abuso espiritual ou emocional de maneira organizada, como feito aqui, podem parecer grosseiras e óbvias. Alguns podem se questionar como indivíduos se envolvem em situações tão evidentemente insustentáveis. No entanto, é importante evitar julgamentos precipitados. Pois uma verbalização estruturada tenta concretizar e tornar tangível algo que na realidade é difícil de capturar. Todos os padrões e técnicas mencionados até agora estão, em última instância, inseridos em uma dinâmica sugestiva e muitas vezes abrangente, a *manipulação espiritual* (DBK, 2023, p. 16f; Edstrom; Koch, 2022, p. 483-492; Fuchs, 2020, p. 23). Por meio dela, o comportamento abusivo se transforma em um clima sutil, que é opaco e confuso tanto para observadores quanto para vítimas. Raramente há fatos e ações obviamente condenáveis à primeira vista.

Mas o que exatamente é manipulação e por que é um instrumento de abuso tão poderoso? A manipulação envolve dois aspectos: (1) induzir pessoas a tomar decisões contra sua vontade e/ou seu bem-estar; (2) isso é feito de forma sugestiva, de modo que as vítimas acreditam ter tomado a decisão por conta própria (Art. *Manipulation*, 2021; Wagner, 2019, p. 99). Portanto, não é apenas crucial que algo aconteça *contra* a vontade ou o bem-estar de uma pessoa, mas acima de tudo, o fato de a pessoa ser levada a acreditar que isso se deve às suas *próprias* decisões. O efeito prejudicial da manipulação se baseia na indução permanente de uma dissonância cognitiva,¹⁶ que gera um desconforto significativo na psique humana. As vítimas ficam em um conflito interno entre seus desejos e necessidades reais e os valores e decisões manipulativamente adquiridos. Na tentativa de reduzir a dissonância, as pessoas tendem a ajustar suas percepções, crenças e comportamentos de acordo. Como consequência, a confiança na autopercepção e na própria capacidade de julgar erode, o que afeta diretamente a autoeficácia e o autoestima. Devido ao crescente autoquestionamento, as vítimas tornam-se cada vez mais dependentes da validação e das decisões dos atores, permitindo assim que estes ampliem ainda mais sua influência e reforcem a dependência (Loring, 1994, p. 9).

Abordar a amplitude das técnicas gerais de manipulação psicológica neste contexto não é possível.¹⁷ Aqui, também gostaria de focar na atribuição espiritual. Portanto, vou destacar exemplos de distorções e reinterpretações de elementos da fé cristã – imagens, metáforas, práticas – que levam os indivíduos a adotar crenças, atitudes e comportamentos prejudiciais, acreditando estar agindo por vontade própria (DBK, 2023, p. 15). Neste contexto, percebe-se que os aspectos, padrões e narrativas anteriormente discutidos se repetem, como a manipulação forma a base para as diversas dinâmicas abusivas.

Autoridades legitimadas religiosamente (sejam elas personalidades carismáticas ou líderes oficiais) são ideais para uma *deslegitimação sugestiva dos emoções e da percepção pessoal* (Butenkemper, 2023, p. 34-37; Wagner, 2019, p. 102-105). Quando um líder unilateralmente e sem reflexão recebe atribuição

¹⁶ Cf. Art. *Kognitive Dissonanz* (2021): A teoria da dissonância cognitiva afirma que “cognições contraditórias entre si ou cognições e comportamentos incompatíveis entre si causam um estado motivacional desagradável (dissonância) e certa tensão.”

¹⁷ Para técnicas gerais de manipulação, consulte Butenkemper (2023), p. 94-99; Hassan (2019), p. 21-52.

de uma percepção especial da verdade – por exemplo, alegando ter o carisma da “visão do coração” ou a capacidade de discernir diretamente a vontade de Deus – torna-se fácil questionar as experiências e sentimentos subjetivos dos outros. Geralmente, as vítimas aceitam, junto com a autoridade, também a reivindicação da verdade. Por isso, tendem a considerar os julgamentos e decisões como corretos, mas, ao mesmo tempo, precisam negar a si mesmas a capacidade de fazer seus próprios julgamentos.

Intrinsecamente relacionada está a exigência abusiva de *obediência*. Quando interpretada como submissão absoluta desejada por Deus, pode se tornar um instrumento direto para subjugação e criação de dependência, nas quais não pode haver reflexão crítica nem limites pessoais.

Outra prática manipulativa é a narrativa religiosamente exigida de *felicidade totalitária* (Wagner, 2019, p. 108-111). Isso significa que, por exemplo, diante da postulada vocação divina ou da redenção concedida por Cristo, uma demonstração de alegria, felicidade e gratidão são propagadas como as únicas emoções legítimas. Por outro lado, qualquer sinal de tristeza, insegurança, raiva ou dúvida é desvalorizado como infidelidade, apostasia ou mornidão espiritual. Assim, uma grande parte do espectro saudável das emoções humanas é tabuizada e estigmatizada. Pelo desejo de pertencer aos chamados, salvados ou bem-aventurados, as vítimas internalizam essa desvalorização e tabuização de sentimentos “negativos” rapidamente. No entanto, nesse processo, eles frequentemente perdem o contato consciente com seu verdadeiro estado emocional e, com isso, a capacidade de uma regulação emocional saudável.

Uma *interpretação distorcida da cruz*, como símbolo central da fé cristã, é também amplamente ousada manipulativamente para reforçar a disposição para sofrimentos e sacrifícios pessoais. Passagens bíblicas e práticas espirituais como “tomar a sua cruz”, “conformar-se com o Crucificado”, “perder a vida por salvá-la” ou “penitência” podem ser facilmente reinterpretadas e pervertidas. Formas insalubres de autonegação e complexos de culpa, bem como a disposição para comportamentos autodestrutivos e para suportar injustiças em silêncio, podem ser incentivadas, ou até mesmo a exploração e os abusos podem ser justificados.

Da mesma forma, a *prática da oração* pode ser utilizada de maneira manipulativa, especialmente quando incorporada em rituais litúrgicos emocionalmente envolventes. Assim, ideologias de uma comunidade podem ser revestidas em fórmulas repetitivas, ou intenções e desejos pessoais dos atores podem ser reformulados em orações. Isso lhes dá a aparência de instruções divinas, aumentando enormemente sua pretensão autoritária. Dessa maneira, *palavras das escrituras* também podem ser usadas seletivamente e sem uma interpretação teologicamente adequada, para exercer pressão sugestiva ou legitimar comportamentos abusivos.¹⁸

Em suma, na manipulação espiritual trabalha-se com uma “positividade sedutora” (Butenkemper, 2023, p. 47). Ou seja, algo neutro ou bom é distorcido de tal maneira que a pessoa começa a sofrer sob seu efeito, embora esteja simultaneamente presa na ilusão de estar concordando com os eventos por causa de sua fé e de ter escolhido livremente aquela opção. O Cristianismo é centralmente definido por promessas positivas de comunidade, salvação e felicidade, mas também marcado por conceitos facilmente mal interpretados como devoção, obediência e autonegação. A relação tensa entre os elementos torna-os particularmente vulnerável à manipulação. A expectativa de comunidade e cuidado familiar, juntamente com sentido, vocação e salvação, possui uma enorme força de atração e vinculação, podendo rapidamente se transformar em um véu para justificar transgressões (Butenkemper, 2023, p. 60-64). Em última análise, provavelmente há pouco na fé cristã que não possa ser manipulativamente instrumentalizada para a imposição abusiva de interesses próprios.

¹⁸ Isso inclui desenvolver um jargão único para a comunidade, rico em simbolismo religioso e uniformidade, reforçando a identidade dos membros e comunicando expectativas e exigências de maneira indireta através de expressões patronizadas (Butenkemper, 2023, p. 87-89).

Considerações finais: A libertação dos filhos de Deus no seio da Igreja

Buscou-se, no decorrer deste trabalho, estabelecer a ligação do abuso espiritual e emocional, bem como esclarecer as suas características distintas. A promessa de carinho, comunidade e sentido de vida que os atores e seus grupos inicialmente fazem, muitas vezes, atraem as vítimas. Com o tempo, porém, o ambiente em que se encontram continuamente compromete a estabilidade psicológica e a liberdade de pensar e agir de forma independente. Assim, a psique de pessoas pode ser reestruturada de maneira significativa. Isso ocorre por meio de uma desvalorização sugestiva do indivíduo e na simultânea exaltação dos atores e do grupo, acompanhadas de transgressões gradativas e de um isolamento cada vez mais intenso (Butenkemper, 2023, p. 24-37; Kluitmann, 2019, p. 185-190). A constante deterioração das necessidades básicas de vínculo social e de autoeficácia leva as vítimas a uma dependência abrangente e as expõe a um sofrimento enorme e prolongado. Devido à dependência, a saída de tais contextos abusivos é acompanhada por medos de perda existenciais, razão pela qual a libertação externa e interna das vítimas torna-se difícil.

Eu gostaria de usar a conclusão para enfatizar que qualquer uso abusivo da fé representa uma alienação do Cristianismo. No conteúdo revelador original, Deus se manifesta em Jesus Cristo como o amor trino em si, desta forma o evangelho visa à liberdade, paz e realização (bem-aventurança) dos fiéis. Conseqüentemente, a oferta de salvação proclamada em Cristo só se manifesta por meio de uma aceitação livre e amorosa. No entanto, essa promessa se concretiza para o indivíduo apenas quando a Igreja Católica verdadeiramente realiza sua missão essencial de ser um sinal e instrumento de salvação no mundo (LG1). O abuso distorce de maneira grave a sua missão mais intrínseca. Portanto, é essencial que a Igreja assegure ambientes que favoreçam o desenvolvimento livre e enriquecedor da fé. Isso requer prevenção e combate ativo a todos os tipos de abuso, além de fomentar educação e apoio que capacitem a reconhecer dinâmicas abusivas e a estabelecer relações saudáveis e autônomas com Deus e com os outros fiéis. A libertação dos filhos de Deus no seio da Igreja requer a participação tanto dos líderes quanto dos fiéis. Pois é por meio da liberdade que a Igreja Católica verdadeiramente se torna o lugar onde o Evangelho se manifesta plenamente uma boa nova.

Referências

ALLSOPP, M. *Emotional Abuse and Other Psychic Harms*. Invisible Wounds and their Social Histories. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

ALTHAUS, R. *Geistlicher Machtmissbrauch*. Kirchenrechtliche Aspekte. Geist und Leben. Würzburg: Echter, 91/2, p. 159-169, 2018.

Art. *Kognitive Dissonanz*. Dorsch. Lexikon der Psychologie, Göttingen: Hogrefe, 2021. Disponível em: <<https://dorsch.hogrefe.com/stichwort/kognitive-dissonanz#search=8dee05700a81f1d1979608d661dd177e&offset=1>>. Acesso em: 26 fev. 2024.

Art. *Manipulation*. Dorsch. Lexikon der Psychologie. Göttingen: Hogrefe, 2021. Disponível em: <https://dorsch.hogrefe.com/stichwort/manipulation#search=d012c2b0a2586e7cdd3ecfb3631056b4&offset=0&open-citation-modal=1>. Acesso em: 26 fev. 2024.

ARNOLD, T.; TIMMEREVERS, H. (Ed.). *Gefährliche Seelenführer? Geistiger und geistlicher Missbrauch* (Herder Thema). Freiburg: Herder, 2020.

ANTELO, E.; TOPS, O. Taxonomy of Psychological and Social Disturbances in Survivor of Group Psychological Abuse. *Journal of Aggression, Maltreatment and Trauma*. Abingdon: Taylor & Francis, v. 27, n. 9, p. 1003-1021, 2018.

BERGIUS, R. *Kognitives Selbstschema*. Dorsch. Lexikon der Psychologie. Göttingen: Hogrefe, 2016. Disponível em: <<https://dorsch.hogrefe.com/stichwort/kognitives-selbstschema>>. Acesso em: 26 fev. 2024.

BUTENKEMPER, S. *Toxische Gemeinschaften*. Geistlichen und emotionalen Missbrauch erkennen, verhindern und heilen. Freiburg: Herder, 2023.

BUTENKEMPER, S. „Was ist mir da passiert?“ Bedingungen und Strategien geistlichen Missbrauchs. In: ARNOLD, T.; TIMMEREVERS, H. (Ed.). *Gefährliche Seelenführer? Geistiger und geistlicher Missbrauch* (Herder Thema). Freiburg: Herder, 2020. p. 14-17.

DBK. *Missbrauch geistlicher Autorität*. Zum Umgang mit Geistlichem Missbrauch (Arbeitshilfen 338). Bonn: Butzon Bercker, 2023.

DEMASURE, K. The Loss of the Self – Spiritual Abuse of Adults in the Context of the Catholic Church. In: LEIMGRUBER, U./REISINGER, D. (Ed.). *Sexual and Spiritual Violence against Adult Men and Women in the Catholic Church*. Religions. Special Issue. Basel: MDPI, 2022. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2077-1444/13/6/509>. Acesso em: 26 fev. 2024.

DYSMAS, L. De. *Verheißung und Verrat*. Geistlicher Missbrauch in Orden und Gemeinschaften der katholischen Kirche. Münster: Aschendorff 2022.

EDSTROM, L.; KOCH, D. Development of the Spiritual Harm and Abuse Scale. *Journal for the Scientific Study of Religion*. Hoboken: Wiley-Blackwell v.61 n. 2, p. 476-506, 2022.

ELLIS, H.; HOOK, J., et al. *Religious/Spiritual Abuse and Psychological and Spiritual Functioning*. Spirituality in Clinical Praxis. Washington: APA Publishing, 2023. Disponível em: <https://web.s.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=4&sid=5b9ff52d-bd05-47b0-91fb-8f847bb9149e%40redis>. Acesso em: 12 dez. 2023.

ELLIS, H.; HOOK, J., et al.: Religious/Spiritual Abuse and Psychological and Trauma. A Systematic Review of the Empirical Literature. *Spirituality in Clinical Praxis*. Washington: APA Publishing, 4/9, p. 213-231, 2022.

FERNANDÉZ, S. Towards a Definition of Abuse of Conscience in the Catholic Setting. *Gregorianum*, Roma: Universita Gregoriana, v. 102, n. 3, p. 557-574, 2021.

FERNANDÉZ, S. Victims Are Not Guilty! Spiritual Abuse and Ecclesiastical Responsibility. In: LEIMGRUBER, U.; REISINGER, D. (Ed.). *Sexual and Spiritual Violence against Adult Men and Women in the Catholic Church*. Religions. Special Issue. Basel: MDPI, 2022. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2077-1444/13/5/427> – Acesso em: 26 fev. 2024.

FUCHS, A. Eine unterschätzte Gefahr mit gravierenden Folgen. Charakteristika und Dimensionen geistlichen Missbrauchs. In: ARNOLD, T.; TIMMEREVERS, H. (Ed.). *Gefährliche Seelenführer? Geistiger und geistlicher Missbrauch* (Herder Thema). Freiburg: Herder, 2020. p. 25-28.

HASLBECK, B.; HEYDER, R. et al. (Ed.). *Erzählen als Widerstand*. Berichte über spirituellen und sexuellen Missbrauch an erwachsenen Frauen in der katholischen Kirche. Münster: Aschendorff, 2020.

HASLBECK, B.; LEIMGRUBDER, U. et al. (Ed.). *Selbstverlust und Gottentfremdung*. Spiritueller Missbrauch an Frauen in der katholischen Kirche. Ostfildern: Patmos, 2023.

HASLBECK, B.; LEIMGRUBDER, U. (Ed.). *Spirituellen Missbrauch verstehen*. Wissenschaftliche Essays zu Selbstverlust und Gottentfremdung. Ostfildern: Patmos, 2024.

HASSAN, S.; SANCHEZ-LAMBERT, J. Grauzonen gibt es nicht. Muster sexueller Belästigung mit dem Red Flag System erkennen. Wien: OGB, 2019.

HEINECKE-MÜLLER, M.: Hilflosigkeit, gelernte/erlernte. Dorsch. Lexikon der Psychologie. Göttingen: Hogrefe, 2016. Disponível em: <https://dorsch.hogrefe.com/stichwort/hilflosigkeit-gelernte-erlernte>. Acesso em: 26 fev. 2024.

HOFFMANN, S. Geistlichen Missbrauch verhindern. Erfahrungsbericht und Präventionsempfehlungen. In: ARNOLD, T.; TIMMEREVERS, H. (Ed.): *Gefährliche Seelenführer? Geistiger und geistlicher Missbrauch* (Herder Thema). Freiburg: Herder, 2020. p. 18-21.

HOYEAU, C. *Der Verrat Der Seelenführer*. Macht Und Missbrauch in Neuen Geistlichen Gemeinschaften. Ed. H. Keule e traduziso G. Nolte. Freiburg: Herder, 2023.

HÖRTING, K. Rechtspolitische Schlussfolgerungen im kirchlichen Recht. Geistlicher Missbrauch als Thema der Kanonistik. In: ARNOLD, T.; TIMMEREVERS, H. (Ed.). *Gefährliche Seelenführer? Geistiger und geistlicher Missbrauch* (Herder Thema). Freiburg: Herder, 2020. p. 50-53.

HUMPHREY J.; OAKLEY L. *Escaping the Maze of Spiritual Abuse*. Creating Healthy Christian Cultures. London: SPCK, 2019.

JERUSALEM, M. Selbstwirksamkeit. In: BIERBAUMER, N.; FREI, D. et al. (Ed.). *Enzyklopädie der Psychologie*. Sozialpsychologie I. Selbst und Kognition. Göttingen: Hogrefe, 2016. p. 169-190.

JOHNSON, D.; VONDEREN, J. v. *Geistlicher Missbrauch*. Die zerstörende Kraft der frommen Gewalt, Asslar: Projektion J, 2003.

KARAKURT, G.; SILVER, K. Emotional Abuse in Intimate Relationships. The Role of Gender and Age. *Violence and Victims*, New York: Springer, v. 28, n. 5, p. 804-821, 2013.

KELLER, K. *Development of a Spiritual Abuse Questionnaire*. 2016. Ph.D. dissertation – Texas Woman's University, Denton, 2016. Disponível em: <https://twu-ir.tdl.org/server/api/core/bitstreams/f591874a-dd01-4883-8363-3f76499cde98/content>. Acesso em: 26.02.2024.

KIEBLING, K. *Geistlicher und sexueller Machtmissbrauch in der katholischen Kirche*. Würzburg: Echter, 2021.

KINMOD, K.; OAKLEY, L., et al. *Spiritual Abuse in the Christian Faith Setting: Definition, Policy and Practice Guidance*. Journal of Adult Protection. Leeds: Emerald, 20/3, p. 144-154, 2018.

KLUITMANN, K. *Was ist geistlicher Missbrauch? Grenzen, Formen, Alarmsignale, Hilfe*. Manuskript bei der DOK-Mitgliederversammlung. Ordenskorrespondenz 2. Ensdorf: Don Bosco Grafischer Betrieb, p. 184-192, 2019.

KOPP, S. (Ed.). *Macht und Ohnmacht in der Kirche*. Wege aus der Krise (Kirchen in Zeiten der Veränderung 2). Freiburg: Herder, 2020.

KRACKE, B. *Autonomienentwicklung*. Dorsch. Lexikon der Psychologie. Göttingen: Hogrefe, 2022. Disponível em: <https://dorsch.hogrefe.com/stichwort/autonomieentwicklung#search=fbcdfd7f10ebab764698e508147d8ab5&offset=0>. Acesso em: 31 ago. 23.

KRACKE, B.: *Loslösung vom Elternhaus*. In: HASSELHORN, M.; SCHNEIDER, W. (Ed.). *Handbuch der Entwicklungspsychologie* (Handbuch der Psychologie 7). Göttingen: Hogrefe, 2007. p. 501-510.

KRAHÉ, B. *Aggression*. Dorsch. Lexikon der Psychologie. Göttingen: Hogrefe, 2022. Disponível em: <https://dorsch.hogrefe.com/stichwort/aggression#search=73c1c3237a3a6fbcc7f68b5f250a62ba&offset=1>. Acesso em: 20.02.2023.

LEIMGRUBER, U. (Ed.). *Spiritueller Missbrauch* (Lebendige Seelsorge 3). Würzburg: Echter, 2023.

LEIMGRUBER, U. *Vulnerance of Pastoral Care*. In: LEIMGRUBER, U.; REISINGER, D. (Ed.). *Sexual and Spiritual Violence against Adult Men and Women in the Catholic Church*. Religions. Special Issue. Basel: MDPI, 2022. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2077-1444/13/3/256>. Acesso em: 26.02.2024.

LEIMGRUBER, U./REISINGER, D. (Ed.): *Sexual and Spiritual Violence against Adult Men and Women in the Catholic Church*. Religions. Special Issue, Basel: MDPI, 2022. Disponível em: https://www.mdpi.com/journal/religions/special_issues/ssv. Acesso em: 12.12.2023.

LOEPHTIEN, T; LEIPOLD, B.: *Selbst, Struktur*. Dorsch. Lexikon der Psychologie. Göttingen: Hogrefe, 2022. Disponível em: <https://dorsch.hogrefe.com/stichwort/selbststruktur#search=b1113292b10d165981f2dc20ee6760ab&offset=1>. Acesso em: 26.02.2024.

LORING, M. *Emotional Abuse*. New York: JP, 1994.

MARKOWITSCH, H. *Amnesie, dissoziative*. Dorsch. Lexikon der Psychologie. Göttingen: Hogrefe, 2022. Disponível em: <https://dorsch.hogrefe.com/stichwort/amnesie-dissoziative#search=a3899c3af09c2d525876eb080e8c4a40&offset=14>. Acesso em: 26.02.2024.

MERTES, K. *Geistlicher Machtmissbrauch*. *Geist und Leben*. Würzburg: Echter, v. 90, n. 3, p. 249-259, 2017.

MERTES, K. Geistlicher Missbrauch. Theologische Anmerkungen. Stimmen der Zeit 2. Freiburg: Herder, p. 93-101, 2019.

NOACK, P. *Ablösung*. Dorsch. Lexikon der Psychologie. Göttingen: Hogrefe, 2022. Disponível em: <https://dorsch.hogrefe.com/stichwort/abloesung>. Acesso em: 31 ago. 23.

RÜDEL, J.; SCHLACK, R. et al. Körperliche und psychische Gewalterfahrungen in der deutschen Erwachsenenbevölkerung. Ergebnisse der Studie zur Gesundheit Erwachsener in Deutschland (DEGS1). *Bundesgesundheitsblatt*, Berlin: Springer Nature, v. 56, n. 5-6, p. 755-764, 2013. Disponível em: <https://edoc.rki.de/bitstream/handle/176904/1504/24FsYksH0Ap7s.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 set. 2023.

SCHÖNBORN, C.; WAGNER, D. Schuld und Verantwortung. Ein Gespräch über Macht und Missbrauch in der Kirche. Freiburg: Herder, 2019.

SCHULZ, H. *Geistlicher Missbrauch – ein Frauenthema?* Euangel. Magazin für missionarische Pastoral 2, Erfurt: KAMP, 2020. Disponível em: <https://www.euangel.de/ausgabe-2-2020/perspektive-geschlecht/geistlicher-missbrauch-ein-frauenthema/>. Acesso em: 20.09.2023.

SCHULZ, H. *Was ist geistlicher Missbrauch?* Perfide Konstrukte. Herder Korrespondenz, Freiburg: Herder, 73/10, p. 36-38, 2019.

SIX, B. Macht. Dorsch. *Lexikon der Psychologie*. Göttingen: Hogrefe, 2022. Disponível em: <https://dorsch.hogrefe.com/stichwort/macht#search=7d9392943a390235a9a55f36e8406a8d&offset=0>. Acesso em: 21 fev. 2023.

TEMPELMANN, I. *Geistlicher Missbrauch*. Auswege aus frommer Gewalt. Ein Handbuch für Betroffene und Berater, Witten: SCM, 2018.

TIMMEREVERS, H. Geistigen und geistlichen Missbrauch benennen und verhindern. Prävention durch eine selbstkritische Pastoral. In: ARNOLD, T.; TIMMEREVERS, H. (Ed.). *Gefährliche Seelenführer? Geistiger und geistlicher Missbrauch* (Herder Thema). Freiburg: Herder, 2020. p. 4-7.

Unter vier Augen. *Verantwortungsvoller Umgang mit Nähe und Macht im Seelsorgegespräch, im Beichtgespräch und in der Geistlichen Begleitung (Erzdiözese Wien)*. 2. Edição. Wien: Domverlag Wien, 2019.

WAGNER, D. *Nicht mehr ich*. Die wahre Geschichte einer jungen Ordensfrau. München: Knauer, 2016.

WAGNER, D. *Spiritueller Missbrauch in der katholischen Kirche*. Freiburg: Herder, 2019.

WARNER, L. *Selbstwirksamkeitserwartung*. Dorsch. Lexikon der Psychologie. Göttingen: Hogrefe, 2022. Disponível em: <https://dorsch.hogrefe.com/stichwort/selbstwirksamkeitserwartung>. Acesso em 26 fev. 2024.

**O abuso espiritual como uma forma específica de abuso emocional:
Uma delimitação conceitual para a sensibilização
da violência psicológica na Igreja Católica**

ZIMMERMANN, P. Bindungsentwicklung im Lebenslauf. In: HASSELHORN, M.; SCHNEIDER, W. (Ed.). *Handbuch der Entwicklungspsychologie* (Handbuch der Psychologie 7). Göttingen: Hogrefe, 2007. p. 326-335.

RECEBIDO: 03/04/2024
APROVADO: 15/08/2024

RECEIVED: 04/03/2024
APPROVED: 08/15/2024